

Matriz de identidade:
Marilyn Monroe, o menino Lance e o Dr. Greenson

José Fonseca

RESUMO

Os relatos dos processos psicoterápicos de um menino (nomeado como transexual) e da atriz Marilyn Monroe, realizados pelo psicanalista Ralph Greenson, são analisados à luz do conceito de matriz de identidade de J. L. Moreno. Três pontos da matriz são destacados na constituição da personalidade: indiferenciação, espelho e triangulação. Discute-se também a distinção entre as expressões “rematrização” e “ressignificação”.

Palavras-chaves: Transexualidade. Psicanálise. Matriz de identidade. Rematrização/ressignificação.

RESUMEN

Los informes de los procesos psicoterapéuticos de un niño (nombrado como transexual) y de la actriz Marilyn Monroe, realizados por el psicoanalista Ralph Greenson, son analizados a la luz del concepto de matriz de identidad de J. L. Moreno. Tres puntos de la matriz se destacan en la constitución de la personalidad: indiferenciación, espejo y triangulación. Se discute también la distinción entre las expresiones "rematrización" y "resignificación".

Palabras llaves: Transexualidad. Psicoanálisis. Matriz de identidad. Rematrización/resignificación.

ABSTRACT

Historic accounts of the psychotherapeutic processes conducted by Ralph Greenson with a young boy (considered a transsexual) and the actress Marilyn Monroe are analysed from the perspective of the Morenian concept of the matrix of identity. Three stages of the matrix of identity are highlighted in the development of the personality:

undifferentiation, mirroring and triangulation. We also discuss the differences between the terms of ‘re-matrixing’ and ‘re-signifying’.

Key words: Transexuality. Psychoanalysis. Matrix of identity. Rematrization/re-significacion.

Identificação dos personagens que compõem o título: o menino Lance e Marilyn Monroe foram pacientes do psiquiatra e psicanalista Ralph R. Greenson¹, em Los Angeles, nos anos 1960. O quarto “personagem” do título é a matriz de identidade, expressão conceitualizada por J. L. Moreno e Florence Bridge Moreno (1944,1975). A matriz de identidade compreende o halo genético-psicossocial que envolve a criança desde que os pais a conceberam imaginariamente, e depois biologicamente, incluindo a sequência relacional dos primeiros anos de vida. Esse grupo circundante é representado pelas funções materna, paterna e fraterna. A “tradução” emocional (consciente/inconsciente) que o sujeito realiza dessa experiência resulta na constituição dos traços principais e secundários que irão compor sua estrutura psicológica.

“Aconteça o que acontecer mais tarde, durante o crescimento da criança, esta experiência precoce de identidade modela seu destino.” (Moreno, 1974, p. 116).

I – INTRODUÇÃO

Greenson tem uma vasta contribuição à psicanálise e à psicoterapia. Cunhou a expressão *aliança terapêutica* (“working alliance”) de trabalho para descrever a relação positiva entre o psicanalista e a parte saudável da personalidade do paciente. Levantou a possibilidade de existir uma relação “real” e não somente transferencial entre os dois².

¹ Greenson, (1982). Sua obra foi objeto de estudo no GEP-Grupo de Estudos Daimon - SP.

² A relação terapêutica se desenvolve dentro de um *sistema teletransferencial* oscilante entre um polo e outro.

Moreno descreve essa circunstância como uma *relação télica*, uma empatia em duplo sentido.

Stoller (1964 e 1968), um dos pioneiros das pesquisas sobre identidade de gênero, é fundador do Gender Identity Research Clinic (UCLA), entidade que encaminhou o menino Lance para tratamento com o Dr. Greenson. Stoller introduziu a distinção entre sexo (biológico) e gênero (psicológico) no estudo da psicossomossexualidade.

Nos dois procedimentos terapêuticos abordados o psicanalista conduziu-se de forma heterodoxa, deixando de lado a técnica clássica da psicanálise. Tentou, a meu ver, rematizar ou ressignificar (termos que discutirei adiante) relacionalmente seus pacientes, a partir da experiência direta com eles, fora do âmbito restrito de um consultório e de um divã. Ambos os pacientes eram atendidos ou/e frequentavam a casa do psicanalista, entrando em contato com seus familiares. Veremos a motivação dessa estratégia mais a frente.

Marilyn Monroe foi atendida em 1961 e 1962, ano de sua morte. Lance em 1964 e 1965.

II – HISTÓRIAS CLÍNICAS E PROCESSOS TERAPÊUTICOS

Norma Jeane/Marilyn Monroe

A descrição clínica que compreende a infância e a adolescência da atriz aparece com seu nome original, Norma Jeane Mortensen. A idade adulta, já como estrela cinematográfica, é narrada com seu nome artístico, Marilyn Monroe.

Os dados sobre a vida de Norma Jeane/Marylin foram levantados a partir de biografias consultadas, uma vez que Ralph Greenson não redigiu um texto específico sobre o atendimento terapêutico da atriz. Já o caso clínico do menino Lance consta de três capítulos específicos de um de seus livros (Greenson,1982).

Norma Jeane Mortensen

Norma Jeane Mortensen nasceu em 1926 na ala beneficente de um hospital de Los Angeles. Sua mãe, Gladys, declarou como pai Edward Mortensen (na verdade, o nome correto seria Mortenson), um homem que nunca reconheceu a paternidade e que Norma Jeane também nunca encontrou.

Gladys já tinha dois filhos anteriores de outro casamento, cuja guarda pertencia ao pai por decisão judicial. Ela foi considerada sem condições psicológicas para o exercício da função materna. Tinha um perfil psicológico instável que se consolidou como uma doença mental que a levou a inúmeras internações psiquiátricas com o diagnóstico de esquizofrenia paranoide.

A avó e o bisavô maternos de Norma Jeane também foram portadores de doenças mentais. A avó, ao visitar a neta recém-nascida, tentou sufocá-la.

Nessas circunstâncias familiares, Norma Jeane, com duas semanas, foi levada a uma família que abrigava crianças pelo valor de 25 dólares semanais. A mãe biológica trabalhava intermitentemente, quando não hospitalizada, para cumprir o compromisso financeiro. O pequeno orfanato era dirigido pelo casal Ida e Wayne Bolender. Ida cuidava das crianças e Wayne trabalhava como carteiro. A família era religiosa e frequentava a igreja pentecostal. Muitas crianças chegavam e partiam, no entanto, cinco permaneceram mais tempo, inclusive Norma Jeane, que lá viveu até os sete anos. Uma colega de orfanato, Nancy Jeffrey, manteve amizade com Norma Jean durante toda a vida. Segundo Nancy, Ida Bolender era dura, porém dedicada às crianças, tendo sido uma influência estabilizadora na vida de Norma Jeane.

Ida se afeiçãoou de tal maneira a Norma Jeane que desejou adotá-la oficialmente, no que foi impedida pela mãe e por uma amiga desta, Grace McKee, que passou a ser a tutora legal da menina. Essa situação gerou uma rivalidade entre Ida e Gladys/Grace que perdurou sempre.

Aos sete anos, Norma Jeane passou a apresentar sinais de timidez e dificuldades de relacionamento na escola. Aconteceu também um fato que precipitou sua saída da família Bolender. Um dia, ao voltar para casa, encontrou seu cachorro Tippy morto e cortado ao meio. Segundo Ida o animal havia sido atropelado, mas Norma Jeane desenvolveu a ideia fixa de que um vizinho, irritado com os latidos do cão, o teria

matado com uma foice.³ Tornou-se, a partir daí, uma criança sensível, irritadiça e problemática. Ida achou que fracassara em seu intento de educá-la, pedindo a Gladys e a Grace McKee que fossem buscá-la.

Quando Norma Jeane soube que voltaria para a casa da mãe ou de Grace, protestou, pois desejava permanecer com os Bolender. Ida ponderou que ela poderia voltar quando desejasse, o que acabou não acontecendo. Apesar disso, os Bolender continuaram sempre presentes na vida da menina, como veremos.

Norma Jeane passou então por uma sucessão de casas⁴, até que “tia” Grace achou por bem interná-la novamente em outro orfanato, apesar dos protestos dos Bolender, que a desejavam de volta. A garota permaneceu nesse novo orfanato dos nove aos onze anos. Os Bolender foram seus mais frequentes visitantes aos fins de semana. Segundo Marilyn adulta, esse foi um período sombrio em sua vida.

Ao sair do internato, tentou viver com “tia” Grace e um marido alcoolista, com quem Norma Jeane não se relacionou bem. Foi então por pouco tempo para a casa de uma tia, irmã de sua mãe, e, finalmente, para outra tia, quando começou a cursar a *high school*.

Nesse período ficou sabendo que tinha uma meia-irmã materna mais velha, Berniece, com quem passou a se corresponder e manter uma amizade que durou até sua morte. Para ela eram resgates preciosos de um pertencimento familiar que lhe faltava.

Aos treze anos sua vida começa a mudar. Percebe seu poder de atração em relação às pessoas e, mais especificamente, em relação aos homens: Antes “eu me sentia como se estivesse do lado de fora do mundo... mas então, de repente, tudo se abriu. Até as garotas prestavam mais atenção em mim...”. Quando caminhava até a escola “era puro prazer. Todos os homens buzinavam... o mundo se tornou muito simpático”. (Taraborrelli, 2010, p. 78). Esse fato é marcante, pois a menina-moça descobre que seu poder relacional (falo) situava-se no corpo e na sensualidade. Isso será suficiente para preencher seu vazio afetivo? Um de seus escritos relata que quando criança tinha um sonho que “entrava na igreja usando uma saia rodada, sem nada por baixo. Os fieis estavam deitados de costas, eu passava por cima deles e eles olhavam sob minha saia.

³ Pinto e Rosa (2012) comentam a possibilidade de Arthur Miller, escritor e marido da atriz, ter se inspirado nesse episódio para criar o roteiro do filme *Os desajustados* (*The misfits*), onde a personagem é assediada por *cowboys* cujo trabalho é sacrificar animais. Segundo esses autores, haveria correlação entre sexualidade e identificação com o objeto sacrificado.

⁴ Os biógrafos computam que em seus 36 anos de vida Marilyn teria morado em mais de cinquenta casas.

Sentia-me menos sozinha quando sonhava que as pessoas me olhavam.” (Lessana, 2006, p. 17).⁵

Aos quatorze anos, como a tia com quem morava adoecer, volta a morar com a tutora, “tia” Grace, e o marido beberrão. Norma Jeanne está mais confiante e o relacionamento transcorre melhor do que o anterior. Aos quinze anos, a tutora incentiva-a a aproximar-se de um jovem vizinho, James (Jim) Dougherty, cinco anos mais velho, com quem se casa aos dezesseis anos.⁶

Norma Jeane convidou para o casamento Ida e Wayne Bolender, todos os irmãos de criação e, é claro, a “irmã” do primeiro orfanato, Nancy Jeffrey. Esse reencontro com as pessoas que fizeram parte de sua matriz afetiva infantil foi descrito como emocionante. Porém, nem a mãe nem a “tia” Grace compareceram. O casamento durou cerca de quatro anos.

Seu sucesso como modelo fotográfico levou-a ao cinema, ao estrelato, e, ao mito criado em torno de si.

Marilyn

Marilyn não queria ser somente uma estrela cinematográfica, desejava ser uma grande atriz. Tinha aspirações intelectuais, lia bons livros⁷, era amiga de escritores como Truman Capote e Arthur Miller (um de seus maridos).

Mudou-se de Los Angeles para Nova Iorque em 1955, passando a frequentar os cursos livres do Actor’s Studio, famosa escola de atores, por onde também passaram Marlon Brando, James Dean, Robert Duvall, Montgomery Clift, Sally Field, Dustin Hoffman, Paul Newman, Sidney Poitier e outros.

⁵ Pinto e Rosa (2012) associam esse sonho à cena antológica do filme *O pecado mora ao lado* em que Marilyn tem a saia levantada por uma lufada de vento.

⁶ Marilyn teve três casamentos oficiais: James Dougherty (1942-1946), Joe Dimaggio (1954-1955) e Arthur Miller (1956-1961).

⁷ A biblioteca de Marilyn continha mais de quatrocentos livros, com obras de escritores como Flaubert, Beckett, Steinbeck, Camus, Hemingway e Kerouac.

A “carreira” psicanalítica

Por orientação de Lee Strasberg, diretor do Actor’s Studio, iniciou um tratamento psicanalítico com a Dra. Margaret Hohenberg que depois teve sequência com a Dra. Marianne Kris. Durante o período com esta profissional, apresentou um estado depressivo grave, acompanhado do uso abusivo de sedativos, que a levaram a uma experiência psiquiátrica desastrosa. Foi internada na ala particular de um hospital estadual que seguia os moldes das instituições psiquiátricas tradicionais da época: portas trancadas, impossibilidade de ligações telefônicas, contenção física, isolamento etc. Foi um período desesperador que a colocou diante de um de seus piores medos, o de repetir o espectro familiar da avó e da mãe. Graças à intercessão de seu ex-marido, Joe Dimaggio, conseguiu ser transferida para uma clínica particular, lá permanecendo por algumas semanas. Em uma carta a Greenson ela narra detalhadamente os horrores pelos quais passou na primeira internação. (Buchthal, S. e Comment, B., 2011, p. 233 a 245).

Voltando a morar em Los Angeles, iniciou tratamento com o Dr. Ralph Greenson que já a atendera em suas viagens anteriores à Califórnia. Os três analistas de Marilyn eram seguidores de Anna Freud, filha do Dr. Freud, e com ela se correspondiam (supervisão à distância?) sobre o atendimento da atriz. Quando filmou, com Lawrence Olivier, *O príncipe encantado* (1957), em Londres, Marilyn realizou algumas sessões com a própria Anna Freud.

Levando em conta as psicoterapias anteriores e a recente internação em Nova Iorque, Greenson discutiu o caso com seu colega Milton Wexler, também famoso psicanalista. Estabeleceram uma estratégia terapêutica diferente da ortodoxia psicanalítica. O tratamento seria intensivo, diário, com a inclusão de convivência com a família Greenson. Buscava-se oferecer a oportunidade de a paciente vivenciar relações familiares que, supostamente, teria deixado de experimentar na infância.

Como se tratava de paciente dependente de drogas com risco de suicídio (consciente ou inconsciente), toda a prescrição de medicamentos ficou a cargo do psiquiatra clínico Dr. Hyman Engelbert. Tentava-se manter Marilyn longe de médicos incautos que lhe prescreviam as drogas das quais era dependente.

Ela usava uma grande variedade de fármacos, sendo que no período final da vida passou a injetar, ela própria, algumas delas. Basicamente consistiam em sedativos,

hipnóticos e opiáceos, alguns com nomes comerciais conhecidos como Amplictil (clorpromazina), Gardenal (fenobarbital), Demerol e Dolantina (opiáceos sintéticos) e, finalmente, Nembutal (pentobarbital), utilizado também como anestésico em cirurgias, um dos medicamentos que a levou à morte⁸.

Uma profissional foi também contratada com a função do que hoje chamamos de “acompanhante terapêutica”, para morar na casa de Marilyn, supervisionando-a e cuidando para que vendedores e amigos não levassem medicamentos e drogas a ela. Esse procedimento acabou trazendo problemas, uma vez que alguns amigos se sentiram ofendidos com a suposta desconfiança da “enfermeira”.

Greenson, em uma carta a um colega, comentou: “Acima de tudo, tento ajudá-la a ser menos solitária, a não buscar alívio nas drogas ou não se envolver com pessoas destrutivas, que estabelecem relacionamentos sadomasoquistas com ela”. (Taraborrelli, p. 330). Milton Wexler, entrevistado anos depois da morte de Marilyn, disse: “Essa era minha teoria na época” [...] “também pensei que sua ansiedade de separação seria aliviada se soubesse que tinha para onde voltar”. (Taraborrelli, 2010, p. 323).

Daddy - A busca de um pai

O suposto pai biológico Edward Mortensen ou Mortenson nunca foi encontrado por Marilyn. A mãe revelou-lhe um dia que seu pai verdadeiro teria sido outro, chamado Stanley Gifford. Marilyn conseguiu uma velha fotografia desse homem que passou a olhar com devoção. Seu primeiro marido, Jim Dougherty, relatou que a atriz ligou para esse suposto pai. Quando se identificou como sendo a filha de Gladys, ele simplesmente desligou. Ela ficou inconsolável. Pouco antes de morrer, ela ligou para Wayne Bolander, seu pai de criação, para saber se ele dispunha de algum documento de Gifford.

A obsessão em encontrar um pai refletiu-se em suas relações masculinas. Chamou todos os seus maridos de “Daddy”, inclusive Jim Dougherty, que era pouco mais velho do que ela.

⁸ A necropsia revelou 4,5 mg de pentobarbital (Nembutal) no sangue e 13 mg no fígado, acrescidos de 8 mg de hidrato de cloral sanguíneos.

Seus outros maridos e namorados eram geralmente homens mais velhos e famosos: Joe Dimaggio, ídolo do beisebol americano; Arthur Miller, dramaturgo de fama mundial; Frank Sinatra; Yves Montand; John (Presidente dos Estados Unidos) e Robert Kennedy (Procurador Geral dos Estados Unidos). Entre os escritos que deixou existem referências ao seu psicanalista Ralph Greenson: “Ele é como um pai para mim...”. Em um áudio gravado ela acrescenta que, desde que conheceu a família Greenson, desejou pertencer a ela como filha: “Assim eu teria o pai que sempre quis ter e sua mulher, que eu adoro, poderia ser minha mãe... é maravilhoso pensar nisso”. (Lessana, 2006, p. 171). Ao comprar uma casa em Los Angeles, ao contrário dos astros e estrelas do cinema que possuíam verdadeiros palácios, optou em comprar uma casa simples, similar à de seu psicanalista. Por ironia do destino, a residência tinha azulejos na entrada com uma inscrição em latim: “*cursum perficio*”, cuja tradução possível seria “percurso terminado” ou, segundo um dos seus biógrafos: “minha jornada termina aqui”⁹.

Diagnósticos

Em Medicina os diagnósticos variam de acordo com as tendências científicas, escolas aos quais os profissionais são filiados e, a época em que o paciente é examinado. A nosografia médica e psiquiátrica dos anos 1950 e 1960 era diferente da atual. Greenson, em uma carta para Anna Freud, descreve Marilyn como portadora de “personalidade *borderline* com elementos paranoides”. Outros diagnósticos relatados foram bipolaridade, depressão, síndrome esquizofreniforme, e até mesmo esquizofrenia paranoide. Ela revelou alguns aspectos, supostamente, persecutórios, como achar que estava sendo seguida. No entanto, temos que levar em conta que ela realmente foi considerada suspeita pelo FBI quando seu marido, Arthur Miller, foi processado por suposta filiação ao Partido Comunista¹⁰. Tempos depois, quando se relacionou amorosamente com Frank Sinatra, amigo de Sam Giancana, poderoso chefe mafioso; com o Presidente (John Kennedy) e, em seguida, com o Procurador Geral dos Estados

⁹ A frase consta do *Novo Testamento* quando Paulo diz a Timóteo: “Completei meu caminho”.

¹⁰ Fruto da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, logo após a II Guerra Mundial, o senador McCarthy liderou uma campanha contra supostos comunistas americanos, atingindo boa parte da intelectualidade do país.

Unidos (Bob Kennedy), que tentava combater a Máfia, foi considerada detentora potencial de eventuais segredos de Estado¹¹.

Outro aspecto a ser destacado, do ponto de vista diagnóstico, é que o uso crônico de drogas pode trazer manifestações psicopatológicas que mascaram ou exacerbam traços psicológicos e psicopatológicos precedentes.

Apesar de seu estado clínico, Marilyn conseguia manter razoavelmente seu papel profissional, apresentando-se publicamente com desenvoltura nas entrevistas e nas fotos. Porém, os atrasos e cancelamentos de compromissos profissionais provocavam grande irritação nos diretores, produtores e colegas de trabalho.

Críticas ao esquema terapêutico

Evidentemente, Ralph Greenson recebeu muitas críticas, tanto de amigos de Marilyn, como de colegas do mundo "psi". Afinal de contas, ela era admirada mundialmente e todos ficaram impactados com sua morte. Alguém teria que ser o culpado: o médico Ralph Greenson, a máfia, o FBI, a CIA.

A psicanalista francesa Marie-Magdeleine Lessana (2006), também biógrafa da atriz, não poupa críticas aos seus três psicanalistas: Margareth Hohenberg, Marianne Kris e, especialmente, Greenson. Como todos eram seguidores de Anna Freud, deduz-se que a biógrafa não nutre simpatias pelas ideias da filha do criador da psicanálise. Ela tece também fortes críticas à *psicologia do ego*, tendência da psicanálise americana da época, à qual os três analistas estariam ligados. Suponho que Marie-Magdeleine seja lacaniana, não somente por ser francesa, mas por esposar as críticas que Jacques Lacan dedica a essa corrente psicológica. Segundo ele, a *psicologia do ego* contempla o Eu (ou ego) somente a partir do imaginário, não levando em conta os três registros do inconsciente: real, simbólico e imaginário, representados por três argolas (o nó borromeano)¹² permanentemente ligadas.

¹¹ Uma das versões sobre sua morte é que teria sido articulada pela CIA. Seus escritos e áudios foram censurados antes da publicação. Mais de 50 anos após sua morte o Governo dos Estados Unidos liberou documentos que estavam sob sigilo. Um deles refere que pouco antes de sua morte ela teria realizado um aborto, resultado do relacionamento que tivera com Robert Kennedy.

¹² O brasão da família Borromeu é representado por três argolas intrinsecamente ligadas, onde basta cortar uma para as três se soltarem.

“Sob o véu da autonomia do Eu, a questão do desejo é ocultada por trás de todas as diferentes formas de injunções exigidas pela adaptação do Eu à normalidade americana”. (Lessana, 2006, p. 156).

*Lance*¹³

Lance tinha cinco anos quando iniciou o acompanhamento psicanalítico. Gostava de vestir as roupas da mãe ou da irmã mais velha desde muito novo. Colocava os sapatos da mãe, chorando quando tentavam impedi-lo. Como era pequeno e gracioso, os pais relutavam em inibir o procedimento. Aos poucos, Lance acrescentou outras peças do vestuário feminino – blusas, meias, bolsas, chapéus – até que passou a vestir-se como menina.

Até os três anos e meio urinava sentado, apesar dos apelos da mãe para que urinasse como o pai. Aos quatro, Lance perguntou: “O que eu vou ser quando crescer?”. Quando responderam que ia ser um homem, chorou e disse: “Eu não quero ser homem, eu quero ser uma menina”.

Foi amamentado no seio por poucas semanas, pois o leite da mãe teria sido inadequado (?). Passou então a tomar mamadeira a cada hora e meia. À noite, até o início da psicoterapia, tomava mamadeira, apegando-se também a uma colcha que acariciava (objeto transicional).

A mãe sentia-se infeliz no casamento. O pai seria um homem “fraco” e, supostamente, muito ligado à própria mãe. Abandonou a carreira de artista plástico para trabalhar como agente de seguros, pois a situação financeira familiar era precária.

Segundo o relato, ela sentia-se culpada por não ter valorizado, suficientemente, o hábito de o menino usar roupas masculinas. Demonstrava uma forte ligação com ele que superava os sentimentos positivos pelo marido e pela filha. Falava das qualidades do filho com orgulho, dando a impressão de que ele fosse sua criação pessoal, uma continuidade dela. Já com a filha mantinha uma relação mutuamente fluente e informava que a menina teria se desenvolvido sem qualquer problema especial.

¹³ O caso clínico está descrito em três capítulos: “Sobre o homossexualismo e a identidade sexual” (p. 213-219), “Um menino transexual e uma hipótese” (p. 315-332) e “A ruptura da identificação com a mãe: sua importância especial para o menino” (p. 333- 341). (Greenson, 1982).

Processo terapêutico

Na primeira sessão, apesar de apreensivo, Lance ficou curioso em relação ao piano da casa. Após ouvir algumas notas, foi capaz de repeti-las e, quando, em outros dias, passava perto do instrumento, tocava as mesmas notas.

Ao ver a piscina, perguntou se o terapeuta lhe ensinaria nadar, o que lhe foi prometido. Ao sair da primeira sessão, de mãos dadas com a mãe, gritou alegremente: “Até logo, Sr. Greenson, nós [plural assinalado pela importância na psicodinâmica] somos seus clientes, nós somos seus clientes...”. (Greenson, 1982, p. 318)

No dia seguinte veio com roupa de banho. Enquanto o terapeuta lhe dava algumas instruções, Lance pulou na piscina. Greenson, preocupado, mergulhou em seguida, mas para sua surpresa o menino saiu nadando sozinho. Questionado sobre onde havia aprendido, respondeu ofegante que já observara outros meninos nadando.

Seu amor pela água era uma característica clínica marcante. Sempre que podia utilizava a piscina e também brincava com a mangueira do jardim. Sujava os brinquedos e lavava-os. Adorava jogar Barbie na piscina. Certa vez desenhou uma piscina e um homem de pé ao lado, observando-o.

Lance era esguio, ágil e ativo, saindo-se bem em esportes como *skate* e bicicleta, apesar de preferir brincar com objetos e atividades femininas. Entre os brinquedos à disposição, adorava brincar com a Barbie. Durante vários meses ele “era” Barbie, ignorando os bonecos masculinos. Colocava roupas na boneca com excitação, muito ligado a detalhes como joias, *écharpes*, pulseiras e luvas, mostrando-se desinteressado pela nudez dela. Tampouco se ligava aos bonecos masculinos, como Ken, o namorado de Barbie.

Nesse período, ao colocar com excitação as roupas em Barbie, deixou de usar as roupas femininas da mãe. Lance observava os vestidos que a esposa ou a filha de Greenson usavam. Uma vez comentou para o terapeuta: “Ah, mas você não gosta de vestidos”. Greenson respondeu que gostava de vestidos bonitos e de mulheres bonitas, mas que gostava de ser homem. O menino ficou pensativo. Ele era cuidadoso com a

aparência, orgulhando-se em manter-se bem penteado e bem vestido (agora já usando vestes masculinas).

Lance raramente tocava em alguém fisicamente. Nesse período ainda não demonstrava interesse e curiosidade a respeito de diferenças sexuais.

Quando brincavam com carrinhos, trombava no carro do analista. Se Greenson fingia que estava zangado ficava assustado. Comentou que às vezes a mãe ficava brava com ele. Greenson respondeu que mães, às vezes, ficam zangadas, mas que meninos também ficam zangados com as mães, pais ou irmãs. E acrescentou: “eu já fiquei bravo com minha mãe”, ao que Lance retrucou: “Você é biruta”.

Depois de um tempo, o menino passou a despir Barbie, dizendo: “Vamos imaginar que ela está vestida”. Nos jogos de papéis, Greenson ofereceu-se para desempenhar o papel de Ken, mas, inicialmente, foi ignorado. Mais tarde, porém, o garoto passou a aceitar a presença de Ken, desempenhada pelo terapeuta, que era frequentemente atropelado pelo carrinho de Lance.

Gradativamente, o paciente incorporou o terapeuta nas brincadeiras com carros e bonecos, e, até mesmo no desempenho de papéis do imaginário (no “como se”). Lance era um rei navegando em uma balsa e o terapeuta deveria puxá-lo, depois invertiam os papéis.

A mãe conta que ultimamente o menino pavoneava-se pelo jardim, urinando orgulhosamente. Porém, quando ficava resfriado, voltava a brincar com a Barbie.

Outono de 1964

Gradativamente, o menino torna-se mais agressivo. Bate no rosto da Barbie, já se referindo a “ela” (“outro”). Um dia traz uma amiguinha chinesa para a sessão (participam juntos de uma peça teatral na escola). Lance fica orgulhoso em exibir a “nossa casa” para a amiga. Em certo momento, conta para ela que, às vezes, costumava vestir-se como menina. A colega ri. Lance fica ruborizado e então diz rapidamente: “Mas isto foi quando eu tinha três anos”.

No Natal Lance ganha do analista (desejo do Dr. Greenson?) um uniforme de marinheiro que usa orgulhosamente durante dias. Ao sair da casa, acompanhado de

Greenson, sugere que os dois marchem juntos, empertigados, passo a passo, como dois marinheiros.

A mãe relata que ele vem demonstrando agressividade em casa, batendo na irmã e até mesmo nela. Um dia ele fala para a mãe que a odeia. A mãe retruca, dizendo que pode odiar, mas não bater. Ultimamente, também tem tentado levantar as saias da mãe. Quando o médico lhe pergunta sobre isso, responde rindo: “Mentiroso, mentiroso ...” e canta uma canção que fala de mentirosos.

Inverno de 1964-65

Lance cria uma sequência de desenhos: um homem e uma mulher estão deitados na cama e são assustados por Frankenstein, ou por um demônio. Uma menina cai na piscina e um menino a resgata, vão ambos morar num barco. Nesse período a mãe relata que um dia, ao acordar, Lance estava sem as calças do pijama.

Lance comenta a morte do pai de um colega. Entende que a morte é dormir para sempre. Vê a capa de um livro de mistério mostrando um cadáver feminino seminua e um homem com uma arma. Propõe brincar de assassino com Barbie, Ken e o terapeuta. Barbie cai e sua saia voa para cima dos joelhos.

Nas brincadeiras com Greenson e com Ken, frequentemente, surgem lutas e até assassinatos. O menino manifesta o desejo de aprender a lutar. Utilizam, então, luvas de boxe em treinos com o terapeuta. Refere que em sua casa lutou com a irmã e com um amigo, mas acabou brigando de verdade com ele, pois foi atingido no olho e doeu.

Em uma sessão traz um livro sobre como nascem os bebês. Roendo as unhas, dispara uma série de perguntas: “As pessoas divorciadas podem fazer isso? Os solteiros podem? Que idade tem que ter para fazer isso? Pode-se fazer isso com quatorze anos? Como o pênis entra?”. O médico responde e Lance escuta com o rosto ruborizado e profunda atenção. No dia seguinte, aponta o púbis da Barbie e pergunta se é ali que o pênis entra. Pede para comprarem um vestido de noiva para a boneca. Ele a pressiona contra seu pênis. Veste-a, porém a deixa sem as roupas de baixo. Informa que o pênis dele fica ereto só em pensar. Aqui há uma primeira menção à orientação sexual do menino.

Dramatizam que a Barbie é uma princesa. Lance diz que Greenson será o príncipe. O menino movimentava a boneca como se ela estivesse dançando. Príncipe: “Barbie você está linda! Eu te amo. Quero dançar com você”. Lance está surpreso e satisfeito. O “príncipe” repete a frase e tenta tomar a boneca das mãos do menino. Ele se recusa a cedê-la. Príncipe: “Ah, você é tão bela, princesa, quero dançar com você. Quero beijar você”. Lance diz de forma hesitante: “Ah! Você quer ser a princesa?” “Não, eu gosto dela, eu não quero ser a princesa. Eu quero dançar com ela e abraçá-la”. O garoto concorda e entrega a Barbie ao príncipe.

Em outra sessão, Lance pergunta: “Você ama sua esposa? Você dança com ela?”. O terapeuta confirma. O menino fica reflexivo.

Primavera de 1965

Lance vai para a praia com a família. Relata, orgulhoso, que o pai salvou uma menina de afogamento (informação confirmada pela mãe). Ultimamente tem demonstrado afeto pelo pai, coisa que não acontecia.

Chega triste a uma sessão e conta que viu sua cachorra ser atropelada e morta por um carro¹⁴. À noite sonha que o pai, a mãe e a cachorra tinham morrido e estavam enterrados no jardim. Nesse período volta a brincar com a Barbie e reparar nos batons da mãe. Diz que gostaria de estar dentro dela, como quando era bebê pequeno: “Já pensou quanto tempo eu passei na barriga de minha mãe?”.

Lance vai para uma colônia de férias e arranja amigos. Conversa com o médico sobre as diferenças anatômicas entre meninos, homens, meninas, e mulheres, pois viu muitas pessoas nuas no acampamento. Depois de escutar as ponderações do médico sobre as diferenças anatômicas, com humor, diz: “Você se esqueceu de uma coisa: as mulheres têm uma costela a mais...”.

¹⁴ Coincidentemente, Norma Jean também perdeu seu cachorro na infância. Essas perdas refletem a forte identificação que as crianças realizam com os animais. Winnicott (1975) descreve os “objetos transicionais” como objetos eletivos das crianças que se relacionam com um animal real ou de pelúcia. Eles representam uma mediação importante no aprendizado da sociabilidade e da relação-separação. Além disto, segundo Bowlby (1981), os animais (mamíferos), assim como os seres humanos, apresentam elementos de apego, perda e separação.

Vem para a última sessão antes das férias vestido de *cowboy*. Na piscina brinca que o terapeuta é um “domador de cavalos selvagens” e grita: “Mas tenha cuidado, Sr. Greenson”¹⁵.

Bem-humorado, fala que na sua ausência espera que o médico não desaprenda a nadar.... Aí, com timidez, pergunta se o terapeuta vai escrever para ele, e lhe entrega uma foto...

Os dois marcham juntos para a saída e despedem-se com Lance batendo as botas no chão com mais ruído do que o terapeuta.

Discussão

Segundo o relato do psicanalista, Lance vivia em uma constelação familiar na qual sua mãe o amava possessivamente. Ela mantinha com ele um contato muito próximo em termos tácteis e emocionais. O pai não seria amado e respeitado pela esposa, que também não admiraria os homens em geral. Ele seria um fracasso segundo os valores culturais americanos do homem vencedor, além de ausentar-se fisicamente devido às viagens a trabalho.

Para Lance, amar seria igual a misturar-se, como uma forma primitiva de identificação e imitação. Segundo Greenson, a gratificação exagerada advinda da mãe manteria o menino fixado nos prazeres orais derivados da alimentação e dos estímulos emocionais recebidos. A experiência táctil e visual intensa do corpo da mãe teria facilitado a confusão da sua identidade de gênero. A relativa ausência de frustração e rivalidade com a mesma manteria obscuros os limites entre os dois. A falta de um pai amoroso e amado teria interferido negativamente na oportunidade de este “roubar” o menino da mãe.

O comportamento travestido do garoto seria uma forma de preservar o vínculo com a mãe. Isso representaria um fracasso na individuação e uma defesa contra a ansiedade de separação. O uso de roupas femininas traduzia uma “mistura” transicional narcísica entre o “dentro e o fora” – entre o eu e o outro. Elas representavam imaginariamente uma pele feminina.

¹⁵ Analogia interessante entre o terapeuta/domador e o paciente/cavalo selvagem, mas com a ressalva de que é uma profissão perigosa (“tenha cuidado, Sr. Greenson”).

Sua relação inicial com a boneca Barbie acompanharia um fenômeno semelhante – seria, em parte, a mãe e, em parte, ele mesmo¹⁶. A boneca “misturada” transformou-se em Barbie, um objeto externo.

Greenson completa seus comentários dizendo que o fato de ter se apresentado como uma figura masculina que gostava de ser homem e que recebia e acolhia o menino teria sido importante para o processo terapêutico. Outro elemento importante seria a admiração que a mãe teve pelo médico e a consequente confiança em “entregar” seu filho ao mesmo. Teria sido visível para o menino que o terapeuta não temia as mulheres, gostava delas, apesar dos sentimentos positivos e negativos naturais das relações humanas.

Lance, aparentemente, ousou aprender a diferença entre amar e “transformar-se em”. Assinale-se também que, no decorrer da terapia, o pai foi resgatado por Lance de um lugar inferiorizado para uma posição de respeito familiar, o que teria incentivado o menino a assumir-se como um ser do gênero masculino.

A matriz de identidade é o *locus* onde acontece o estado do espelho (o reconhecimento do Eu) e a triangulação (quando acontece). Segundo Greenson (1964,1982) existe então um processo que engloba: 1) a identidade existencial – ‘eu existo’, 2) a identidade de gênero – ‘sou do gênero masculino ou feminino’ 3) a identidade relacional (orientação) sexual – ‘quais meus desejos de relacionar-me sexualmente’. Assim, Lance teria iniciado seu processo terapêutico com dúvidas em termos de:

Eu sou Lance, um sujeito, separado ou não do Tu (função materna)?

Eu sou um menino ou uma menina?

Que no futuro gostará de fazer sexo com....?

E terminado o processo com respostas mais definidas em relação a sua identidade existencial e de gênero.

¹⁶ A boneca funcionou como um ‘objeto intermediário’, conceito psicodramático criado por Rojas-Bermudez (2006), inspirado no ‘objeto transicional’ de Winnicott. Trata-se de um objeto, no caso a boneca, depositário de valores afetivos inconscientes do protagonista.

III – REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Matriz de identidade

Como antecipado na parte inicial do texto, a matriz de identidade é o berço da constituição da personalidade. Ela promove a aprendizagem relacional da criança, que acontece a partir da vivência de dois polos relacionais: a relação e a separação.

Relação/Separação, na verdade, constitui um só processo. Relação e Separação estão sempre juntas, como as díades vida/morte e saúde/doença. O aprendizado da relação/separação acontece a partir de um “jogo” entre relação (ter, pertencer, ser amado) e separação (falta, perda, abandono, rejeição) que suscita os sentimentos básicos: amor, ódio, medo, ciúme, inveja, vergonha etc. no pequeno ser.

O enfrentamento desses sentimentos, e a forma de lidar com eles, desenvolve os traços psicológicos principais e secundários que se associam em um conjunto, compondo uma estrutura psicológica. Os traços apresentam características que dão o tom e o som delas e, portanto, a maneira de ser do sujeito. Ao lidar com sentimentos positivos, neutros e negativos¹⁷, o sujeito age e reage com flexibilidade e/ou rigidez. ‘Lutar com’, ‘fugir de’ ou ‘evitar’ os sentimentos? A pauta de respostas a esse movimento gera características e/ou sintomas. A flexibilidade remete às características espontâneo-criativas da estrutura (saúde); a rigidez às dores dos sintomas (doença).

A estrutura psicológica transparece no exercício dos papéis sociais. Em toda ação manifesta-se essa “marca registrada”. No papel de professor, de pai, de marido, de artista plástico ou de romancista a estrutura é subjacente.

Indiferenciação (fusão), duplo, espelho e triangulação

A matriz de identidade alberga o processo de fusão/desfusão biopsicológico que o infante vive desde a sua concepção: relação sexual, relação espermatozoide-óvulo, relação uterina, separação (parto) mãe-bebê, relação/separação da criança com as

¹⁷ Sobre sentimentos, ver capítulo 9. “Medo e esperança; indivíduo, grupo e sociedade” in *Essência e personalidade* (Fonseca, 2018).

funções materna, paterna e fraterna. Esse processo consiste em uma relação (externa) com os representantes dessas funções e a consequente internalização inconsciente dos sentimentos aí suscitados. A história que o sujeito conta desse período de vida significa somente um mero arranjo consciente de memórias.

Destacam-se, nesse processo da matriz, a indiferenciação (fusão), o duplo, o estado de espelho e a triangulação¹⁸. O estado do espelho representa ainda um aspecto tosco da identidade. A criança passa a identificar seu corpo na descontinuidade do corpo dos outros (desfusão), integrando os segmentos parciais de seu corpo em uma nova unidade.

O estado do espelho, ou o reconhecimento do Eu, revela ainda o “assujeitamento” do bebê aos cuidados da função materna. A mãe-matriz aparece como onipotente. Nessa dialética relacional entre a criança e a função materna, a mãe-matriz, por suposto, *é* ou *tem* todo o poder. Essa total dependência engendra as primeiras experiências de frustração, uma vez que a criança está à mercê do outro, que nem sempre atende suas expectativas.

Mas a criança vivencia relacionalmente o prazer da mãe-matriz estar com ela. Isso a faz imaginar que também possui o poder de atrair a mãe-matriz. Então, nesse primeiro tempo, tudo se passa como se nada houvesse além da mãe, pois o terceiro ainda não está evidenciado.

Esse processo ganha “acabamento” com a triangulação, na medida em que se acrescenta uma complexificação relacional fundamental para o exercício da vida adulta. A consciência da ausência do elemento representativo da função materna, que contraria seu desejo, faz a criança perceber que esta busca algo ou alguém, mas não a ela. Ultrapassar esse ponto nodal significa o início da saída da mistura com a mãe-matriz. As agruras da criança incluem uma dupla decepção: sentir-se impotente para atrair a mãe-matriz e perceber a “fraqueza” desta em não se bastar a si mesma, ou seja, de também necessitar de outro. A mãe é como ela, sem poder? Vislumbra-se um mistério, um “x” do problema. Existe algo ou alguém tão ou mais importante do que eu? Configura-se o primeiro “tratamento” do narcisismo.

¹⁸ Destaco essas posições sem deixar de lado as outras posições discutidas em outros escritos. (Fonseca, 2018): indiferenciação, simbiose, duplo, reconhecimento do Eu ou espelho, reconhecimento do Tu, relações em corredor, pré-inversão de papéis, triangulação, circularização e inversão de papéis.

A ausência materna instiga seu preenchimento com algo substitutivo. Desse modo, a falta é preenchida com a presença simbólica de um objeto (um paninho, um boneco etc.) – e aqui está consagrado o objeto transicional winnicottiano – em que a criança deposita a ilusão de que não sofreu a perda¹⁹. Evidencia-se, então, que há um desejo do elemento representativo da função materna por outrem, mesmo que ele retorne.

Do ponto de vista da criança, nesse momento o outro deixa de desaparecer para sempre, para nunca mais voltar, conforme interpretava inicialmente. Estabelece-se a presença-ausência motivada pela busca do terceiro. Se nem ela nem o elemento da função materna possuem o poder relacional, ele deve situar-se além, nos domínios do misterioso terceiro. Este passa, assim, a fazer parte do jogo relacional como uma instância superior em que lhe é atribuída a interdição/proibição ao contato com a figura materna. Estabelece-se simbolicamente o pode-não-pode, a norma, a organização, a lei. Esse poder transcende qualquer pai real, que pode existir ou não, na medida em que falamos da lei simbólica instituída pelo terceiro – no singular ou no plural – da matriz de identidade. Tal interdição é chamada de função paterna, de metáfora paterna ou, ainda, da inscrição simbólica do nome-do-pai²⁰ no pequeno ser.

O fato de o representante da função materna buscar o terceiro e retornar à presença da criança instiga a revelação de uma função doadora deste. Ela vai, recebe e retorna. Instaura-se um tempo da triangulação em que o terceiro perde a conotação de ser somente proibidor/interditador para também ser permissivo e doador. O terceiro é, então, aquele que, supostamente, tem algo para dar à mãe e à criança. Desse modo, ao “não” acrescenta-se o “sim”.

O espectro relacional dual absolutista anterior é substituído por um espectro relacional triádico relativista. A alternância entre ausência e presença, entre ser e não ser, ter e não ter, promove uma flexibilização psicológica ao sujeito. A criança capta que também pode receber e dar algo ao segundo e ao terceiro. Nesse momento abre-se a possibilidade de inversão de papéis com os dois outros componentes do triângulo.

Essa terceira posição estabelece uma organização básica da afetividade para o futuro adulto com a abertura para a circularização e a inclusão da função fraterna. Trata-

¹⁹ Os amuletos preenchem para os adultos uma psicossociodinâmica protetora semelhante. Não perder a correlação etimológica entre as palavras “amuleto” e “muleta”.

²⁰ Lacan (2005) utiliza um trocadilho entre “*le nom*” (o nome) e “*le non*” (o não) do pai na triangulação, ou seja, ao mesmo tempo em que interdita também nomina.

se do momento da dissolução, da solução, ou da diluição da triangulação (complexo de Édipo) com seu registro inconsciente.

Como colocado ao final da descrição do caso clínico de Lance, relembro que nesse período do desenvolvimento, além da identidade existencial, acontecem a identidade de gênero e a identidade relacional sexual. A criança *resolveu* a primeira crise de identidade existencial amorosa da maneira que lhe foi possível, entra na chamada fase de latência, *adiando* para a adolescência a segunda crise de identidade²¹ e ingressa na vida adulta com a expectativa de realizar seus anseios amorosos e sexuais.

As estruturas psicológicas e o percurso triangular

Cada um reage de maneira característica à privação – falta real; à frustração – falta imaginária, algo que teria sido injustamente retirado; – e à interdição/proibição – falta simbólica de um objeto que confirma a lei e, como contraparte, a possível punição – na matriz de identidade. Nesse diagnóstico, ganha importância *se* a criança consegue e *como* consegue simbolizar a falta. Isso é o mínimo a se considerar na determinação da estrutura psicológica do sujeito.

A criança organiza estratégias relacionais para diminuir ou evitar a dor da separação e para prolongar o prazer da relação. As marcas dos diferentes estados do aprendizado da relação (ansiedade-esperança, prazer-amor, alegria-felicidade) e da separação (ansiedade-medo, raiva-ódio, tristeza-depressão) delineiam o perfil da personalidade em formação.

A triangulação fluente significa a possibilidade de viver bem apesar da falta. Representa apreender o relativo e abrir mão do absoluto, ou, em outras palavras, usufruir a liberdade do que *posso ser ou ter* e lidar com o que *não posso ser, ter ou fazer*.

A triangulação transporta o sujeito da instância familiar para a dimensão social. A interdição/proibição da relação corporal/sexual incestuosa leva o sujeito para fora do âmbito familiar e separa o biológico, a natureza (função materna), do cultural/social

²¹ A terceira crise de identidade ocorre na entrada da senescência e tem alguma correspondência com as duas anteriores – a da primeira infância e a da adolescência.

(função paterna). A criança acrescenta ao mundo sensorial da díade materna a esfera intelectual da tríade paterna.

Estruturas clínicas trianguladas e não trianguladas

A questão básica do resultado da triangulação é que alguns sujeitos a realizam e outros não. Isso define dois grandes agrupamentos clínicos: os triangulados e os não triangulados. Os primeiros fecharam, ocluíram o triângulo. Os segundos não ocluíram o triângulo – são “foraclubidos”²².

Os normóticos²³/neuróticos completam o circuito triangular, recebem a inscrição do nome-do-pai, realizam a brecha entre o imaginário e o real. Estão aptos, com variações, a lidar com as separações, faltas e ausências da vida relacional. Os atuadores/atuadores patológicos (perversos na linguagem psicanalítica) também realizaram a triangulação, no entanto, sucumbem a impulsos internos, denegando-a, desmentindo-a e cometendo atuações de graus variáveis.

Os foraclubidos/psicóticos não ocluíram o triângulo original, não fizeram o tratamento da falta, da separação, da ausência, portanto, lidam de forma diferente em relação às perdas e suas dores. Não as registram ou explodem em certezas substitutivas deliroides/delirantes. O foraclubido (psicótico na linguagem lacaniana) não instituiu a “dialética” entre a relação e a separação. Ele é “monolético”, ou nada falta ou tudo falta. Uma analogia possível é imaginarmos que os normóticos/neuróticos teceram um tecido elástico que suporta as pressões das perdas. A tecitura dos foraclubidos/psicóticos não contém elasticidade, rompe-se facilmente, abrindo um buraco (furo) por onde despenca o material delirante. A tentativa de resolução (cura?) surge, às vezes, com um remendo delirante.

²² Expressão cunhada por Lacan (inspirada na palavra alemã “*Verwerfung*”, de Freud) para descrever a falta da lei simbólica.

²³ A expressão ‘normótico’ não corresponde ao conceito estatístico de normalidade (nada a ver com o sujeito “normal”). Refere-se a um posicionamento moreniano para distinguir uma mesma estrutura psicológica funcionalmente saudável de outra patológica.

IV – COMENTÁRIOS

Vejam algumas considerações clínicas e éticas sobre as abordagens terapêuticas realizadas. Início com uma introdução sobre o movimento psicanalítico denominado ‘psicologia do ego’ para facilitar a compreensão da estratégia terapêutica de Ralph Greenson no atendimento dos pacientes aqui estudados.

O pragmatismo americano e psicologia do ego

Dr. Ralph Greenson fazia parte de um grupo fortemente influenciado por psicanalistas europeus de língua alemã radicados nos Estados Unidos. Ele próprio estudara na Suíça. Uma parte deles era constituída por judeus alemães e austríacos que emigraram antes da Segunda Guerra Mundial.

Moreno, o criador do psicodrama, da sociometria e, um dos criadores da psicoterapia de grupo, emigrou bem antes, em 1925. Kurt Lewin fundou o National Training Laboratories – Institute, onde desenvolveu os T-Groups e promoveu o estudo da dinâmica grupal. Heinz Kohut criou a psicologia do self e narcisismo. Fritz Perls, inicialmente psicanalista, criou a gestalt-terapia. Erik Erikson criou em território americano sua psicologia do desenvolvimento. A psicanálise de Karen Horney era fortemente fundamentada em aspectos culturais e sociais, discordando de Freud em termos da inveja do pênis, da psicologia feminina e do complexo de Édipo. Erich Fromm utilizou suas bases filosóficas e sociológicas para aproximar a teoria freudiana do marxismo.

Outros psicanalistas remanescentes desse grupo germânico criaram a “ego psychology” (psicologia do ego), inspirados nas “defesas do ego” de Anna Freud. Ela própria, emigrada da Áustria para a Inglaterra, deu respaldo ao grupo, mantendo correspondência com seus integrantes, e, especificamente, com os três analistas de Marilyn Monroe.

A busca pela simplificação diagnóstica e por resultados terapêuticos rápidos fez parte desse pragmatismo americano. Tal aspecto pode também ser constatado na criação americana do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), editado

a partir dos anos 1950. O manual lista um número mínimo de sintomas presentes no paciente, suficientes para fechar um diagnóstico. Chega-se a um diagnóstico rápido, mas incompleto, visto que se desconhece a estrutura da personalidade que dá sustentação aos sintomas. O próprio Freud previu essa tendência da psicanálise americana que o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge (2005) descreve hoje como “... uma terapêutica adaptacionista, normativizante...” (p. 18).

Greenson buscou realizar uma rematrização ou ressignificação de elementos da matriz de identidade levantados a partir da história clínica dos pacientes. Isso seria ou foi possível? Um primeiro ponto seria considerarmos a diferença entre as expressões ‘rematizar’ e ‘ressignificar’.

Rematizar e ressignificar – Lance

O tratamento de Lance decorreu ainda em uma etapa de vida em que a matriz de identidade está em constituição. Não existe uma delimitação predeterminada para seu término, porém o desenvolvimento neuropsicológico, suficiente para a constituição das estruturas psicológicas, decorre até mais ou menos os 5-6 anos de idade. A partir daí os trabalhadores da infância, professores e psicoterapeutas, conseguem vislumbrar alguns traços psicológicos que vão se definindo como estruturas normóticas/neuróticas (obsessivas, histéricas e fóbicas), forcluídas/psicóticas ou atuadoras. Segundo alguns autores, a matriz se prolongaria até o fim da adolescência, porém como um “acabamento” do já delineado estruturalmente.

Lance, ao iniciar o tratamento, estaria ainda constituindo a estrutura psicológica, ou seja, realizando sua identidade existencial e de gênero. O processo psicoterapêutico decorreu durante a constituição dessas identidades. Assim, esse momento teria sido propício a ser ainda *matrizado*, ou, se considerarmos que houve uma matriz primária anterior familiar, teria sido *rematizado* no decorrer da psicoterapia.

Durante o processo, Lance ultrapassa a indiferenciação/simbiose/fusão emocional que seria, segundo Greenson, complementada pela mãe, ela também fusionada ao filho, inscrevendo uma nova marca ao reconhecimento do eu existencial e de gênero. Creio que neste processo tenha sido fundamental o processo da desfusão, ou em outras palavras, o processo da *separação* de uma relação fusionada. O fato de a mãe

‘entregar’ o filho a um homem (o médico) que lhe despertou a admiração e a confiança, teria facilitado esse desempenho. O ‘terceiro’, o médico, se apresenta não somente como interditor (castrador) da fusão mãe/filho, mas também como doador. Concomitantemente, (mera coincidência?) acontece a recuperação da imagem paterna (o menino conta que seu pai salvou uma criança de afogamento [quem? Ele, Lance?]). Lance teria iniciado o processo terapêutico como um foracluído (sem ter realizado a triangulação) e terminado o processo como um normótico/neurótico ou atuador (tendo realizado a triangulação). Pena que nos faltem dados a respeito da vida adulta de Lance e de como teria orientado sua vida existencial e sexual.

A experiência da psicoterapia de Lance (1964-1965) revelou-se útil para a reflexão de autores que teorizam sobre a identidade sexual/de gênero. Como referido no início deste texto, Stoller (1964, 1966) distingue o biológico do psicológico no estudo da sexualidade. O gênero (psique) se impõe ao sexo (corpo). Cecarelli, (2017, p. 271) comenta neste sentido que este desdobramento permite “apreender a aquisição do feminino e do masculino – o gênero -, por um homem (male) ou por uma mulher (female)”. Assim, o gênero representaria o conteúdo de masculinidade ou feminilidade que uma mulher ou um homem podem apresentar.

Um aspecto que chama atenção é que a identidade existencial, “eu existo”, e a identidade de gênero, “sou do gênero masculino ou feminino”, independentemente de ter um corpo de menino ou de menina, é eminentemente relacional e precoce. Ambas acontecem por intermédio de uma *desidentificação* da função materna. Lattanzio e Ribeiro (2018, p. 418) assinalam que este aspecto inverte “a noção freudiana de que a masculinidade é um destino mais fácil e mais desejado do que a feminilidade”, desmontando a primazia do falo (masculino) e assinalando um poder relacional primordialmente feminino pela identificação precoce com a função materna. Cecarelli (2017) acrescenta que esse questionamento à posição falocêntrica freudiana iniciou-se a partir de 1930 com Melanie Klein, Joan Riviere, Hélène Deutsch, Karen Horney e Ernest Jones.

Nas fases de *indiferenciação/fusão*, de *simbiose/duplo* da matriz de identidade, os meninos estão *misturados* à função materna. Supostamente, permanecem marcas dessa dupla identidade, feminino-masculina. Sou *homem*, ou *mulher*, ou *quanto tenho de feminino*? A mulher, nesta perspectiva, conseguiria a identidade sexual/de gênero por continuidade: separa-se de uma mulher (mãe) e *apreende* (ou aprende) a ser mulher com

esta mesma mulher, ou seja, parte para o *reconhecimento do eu sexual/de gênero* com a própria mãe. Greenson (1982) refere-se a essa possibilidade para justificar que a maioria das dúvidas quanto à identidade sexual/gênero²⁴ residiria em pessoas que nasceram com o sexo biológico masculino e se identificam como mulheres. Essa hipótese, no entanto, foi levantada na década de 1960. Como não sou especialista em sexualidade humana, sugiro que o leitor pesquise dados atualizados sobre a questão.

Saúde – Doença

A ideia de gradação ou movimento em relação à identidade de gênero ou de orientação sexual pode remeter à questão da saúde-doença. No entanto, não é a identidade sexual/gênero em si que define o que é saudável ou não, mesmo porque o limite entre saúde e doença é tênue e oscilante. Se, foi um erro do passado a psiquiatria rotular a homossexualidade como doença, é um erro rotular agora a transexualidade como tal. Não é a definição do papel sexual ou da vida sexual que define o grau de patologia-saúde de uma pessoa, mas qual a condição básica de sua estrutura psicológica.

Lattanzio e Ribeiro (2017) consideram um equívoco diagnosticar a “certeza” de um homem (biologicamente falando) sentir-se mulher como uma psicose. Segundo a teoria lacaniana, o *real* do corpo masculino estaria negado pelo *imaginário* feminino, sem a mediação do *simbólico*. Esses autores citam o diálogo entre Lacan e um transexual (transgênero) que desejava operar-se, ocorrido no Centro Hospitalar Sainte-Anne, em 1976. O psicanalista argumenta que não se transforma um homem em mulher, uma mulher tem útero, e mesmo a emasculação não o transformaria em mulher. O paciente responde que para os órgãos sim, mas preferia sacrificar a própria vida para continuar sendo uma mulher.

Como descrevo na “Parte III – Referências teóricas”, considero três estruturas psicológicas: as normóticas, as atuadoras e as foracluídas que oscilam, respectivamente, em termos de patologia, com as neuróticas, atuadoras patológicas e psicóticas. No caso, o portador de uma estrutura foracluída pode atravessar a vida sem desenvolver um quadro psicótico, aqui consignado como uma patologia delirante.

²⁴ D’andrea (2020) observa que o sexo é determinado pelas características biológicas (pênis ou vagina), a identidade de gênero refere-se ao gênero ao qual o sujeito se identifica (masculino, feminino, transgênero) e a orientação sexual representa o desejo sexual (heterossexual, homossexual ou bissexual).

A palavra delírio deriva do latim: ‘de’ significa ‘fora’ e ‘lirare - lira’ o “sulco” (do arado na terra). Portanto, delírio tem o sentido de algo fora do sulco ou do trilho. Assim, quando o foracluído se sente na iminência de um descarrilamento (ansiedade psicótica), ele tenta salvar-se percorrendo os trilhos imaginários do delírio. O discurso delirante é constituído por um conteúdo ideativo e emocional que se impõe ao sujeito com uma certeza que é imune a qualquer contra-argumentação. Comumente, ele vem acompanhado de elementos megalômanos, persecutórios, místicos, eróticos, celotípicos (ciúmes) etc.

Rematizar e ressignificar – Marilyn

No atendimento de Marilyn Monroe, como não houve um relato específico do processo terapêutico, diferentemente do que aconteceu com o menino Lance, resta-nos somente levantar conjecturas a partir dos dados biográficos. Apesar de esquemas terapêuticos semelhantes (atendimento dos pacientes na casa do terapeuta etc), a atriz era adulta e tinha uma matriz de identidade já constituída e internalizada (conviveu do nascimento aos sete anos com uma família tradicional). Greenson teria tentado oferecer, por intermédio da convivência com sua própria família, um reforço das marcas familiares anteriores. Não houve, portanto, uma influência direta em uma matriz em constituição, como aconteceu com Lance. Considero que neste caso seja mais apropriado dizer que houve uma tentativa de *ressignificação* da matriz.

Greenson levantou a hipótese que Marilyn Monroe fosse portadora de uma personalidade *borderline*. No entanto, o portador desse transtorno pode ser do ponto de vista estrutural, neurótico, psicótico ou atuador. Pelos dados biográficos de Marylin outras possibilidades diagnósticas poderiam também ser levantadas. Ela poderia ter apresentado uma estrutura neurótica histérica (segundo o DSM-5, personalidade histriônica), vítima da frustração de um desejo permanentemente insatisfeito²⁵. Ou ela poderia ter sido ainda a portadora de uma estrutura foracluída que sucumbiu às dificuldades em lidar com as faltas, perdas e separações? Sobre os traços masoquistas comentados por Greenson, Pinto e Rosa (2012) concordam que ela se comportava como

²⁵ Do caderno de notas de Marilyn: “Sozinha!!!!/Eu estou sozinha. Eu estou sempre sozinha/Não importa o que aconteça”. (Butchthal e Comment, p. 57).

uma criança travessa que desejava atenção, amor e punição. Se por um lado sentia prazer, por outro, sofria dor (“gozo”).

Arthur Miller, seu ex-marido, de forma leiga, mas acertada, disse que para ela ter sobrevivido teria sido necessário que “fosse mais cínica ou pelo menos mais próxima da realidade. Em vez disso, [ela] era uma poeta na esquina, tentando recitar seus versos a uma multidão que lhe arrancava as roupas.” (Mendonça, 2011).

Psicoterapia e ética

Os valores científicos e culturais variam com o tempo. O que em uma época é “politicamente correto” não o é em outra. Uma questão que hoje não passaria despercebida seria a análise ética dos dois atendimentos realizados nos anos 1960. Greenson estaria autorizado a proceder da mesma forma? Como seria encarado o atendimento de uma paciente adulta, linda e famosa, na casa do terapeuta e a compartilhar de seu convívio familiar? Induzir transferencialmente as funções maternas e paternas no processo terapêutico seria uma estratégia válida? No entanto, devemos levar em conta que procedimentos semelhantes já eram referidos. A psicanálise vivia o desafio de enfrentar o tratamento de pacientes psicóticos, antes colocado como inviável por Freud. Surgiram, então, modificações da técnica tradicional. Um tratamento que se tornou clássico, denominado ‘Realização simbólica’, foi efetuado pela psicanalista suíça Margareth Secheyay (1950). Ela levou uma paciente esquizofrênica para morar em sua casa e utilizou, assim como Greenson em relação a Lance, bonecos como objetos intermediários²⁶.

Como seria recebido hoje o atendimento de um menino que, pelo menos aparentemente, “superou a transexualidade”? Teria sido uma decorrência natural do processo terapêutico ou um “tratamento” de orientação/reorientação sexual? Greenson era seguidor de Anna Freud²⁷, que, segundo Elisabeth Roudinesco (2003), “pregou a ideia, contrária a qualquer realidade clínica, de que um tratamento bem sucedido deve conduzir um homossexual para o caminho da heterossexualidade”. (p. 187).

²⁶ O trabalho de Secheyay não consta da bibliografia de Greenson.

²⁷ O pai de Anna Freud, o Dr. Freud, no entanto, em 1935, escreveu que considerava a homossexualidade uma variação da função sexual e que seria incapaz de qualificá-la, em si, como doença.

Concordo que a discussão deste tópico (psicoterapia e ética) mereceria um espaço mais amplo, porém o texto buscou, em princípio, oferecer uma compreensão psicossociodinâmica dos casos clínicos abordados a partir de elementos teóricos da psicologia relacional. Espero, no entanto, que o tema, como um todo, seja disparador de outras reflexões.

REFERÊNCIAS

Bowlby, J. *Loss: sadness and depression*. Attachment and loss, v. 3. Nova York: Penguin Books, 1981.

Buchthal, S. e Comment, B., [orgs]. *Fragmentos, poemas, anotações íntimas e cartas de Marilyn Monroe*. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

Cecarelli, P. R. “Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões”. Painel temático – Sexualidade, gênero e identidade. Belo Horizonte: Estudos psicanalíticos, nº 48, jul./dez., 2017, p. 269-285.

D’andrea, A. C. E. B “Psicodrama e Sexualidade: entre a teoria e a militância”, Minas Gerais: IMPSI/Instituto Mineiro de Psicodrama Jacob Levy Moreno, apostila.

Fonseca, J. *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Ágora, 2010.

_____ *Essência e personalidade: elementos de psicologia relacional*. São Paulo: Ágora, 2018.

Greenson, R. R. *Investigações em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

Jorge, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Lattanzio, F. F. e Ribeiro, P. C. “Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre a psicanálise e a teoria feminista”. *Psicologia USP*, Vol. 28, n. 1, enero-abril, 2017, p. 72-82. Disponível em [HTTP://WWW.redalyc.org/articulo.o.a?id=305150432008](http://WWW.redalyc.org/articulo.o.a?id=305150432008).

_____ “Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero”. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 30, N. 3, p. 409-425, Set-Dez/2018.

Lessana, M. M. *Marilyn, retrato de uma estrela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Mendonça, M. “Um corpo perfeito, uma mente inquieta” in *Revista Época*, Seção livros, 04/11/2011.

Moreno, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

Moreno, J. L., F. B. Moreno “Spontaneity theory of child development”. *Sociometry*, Beacon, v. VII, Beacon House, 1944, 1975.

Pinto, J. M. e Rosa, M. “O caso Marylin Monroe: evidências de forclusão do sujeito e de seu ato”. *Ágora*, v. 5, nº 1, Jan/Jun, 2012. [HTTP//dx.doi.org/10.1590/s1516-14920120000100008](http://dx.doi.org/10.1590/s1516-14920120000100008).

Rojas Bermudez, J. G. *Introdução ao psicodrama*. São Paulo: Ágora, 2006.

Roudinesco, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Sechehay, M. A. *Memórias de uma esquizofrênica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1950.

Stoller, R. “A contribution to the study of gender identity”. *Int. J. Psychoanal* 45:220-6, 1964.

_____ *Sex and gender: The development of masculinity and femininity*. London: Hogarth Press, 1968.

Taraborreli, J. *A vida secreta de Marilyn Monroe*. São Paulo: Planeta, 2010.

Wexler, M. *The outpatient treatment of squizophrenia*. Nova York: Grune&Stratton, 1960.

Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: 1975.

OBRAS CONSULTADAS

Schneider, M. *Marilyn últimas sessões*. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2008. ²⁸

Roudinesco, E. “Monroe, Marilyn” In *Dicionário amoroso da psicanálise*. Rio de Janeiro: 2019.

REFERÊNCIA DE FILMES

O pecado mora ao lado (The seven year itch). Direção de Billy Wilder. Atores: Marylin Monroe e Tom Ewell. 1955.

O príncipe encantado (“The Prince and the showgirl”). Direção de Lawrence Olivier. Atores: Marilyn Monroe e Lawrence Olivier. 1957. ²⁹

Os desajustados (“The misfits”). Direção de John Huston. Atores: Marylin Monroe, Clark Gable e Montgomery Clift. 1961.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às psicólogas Cassiana Léa do Espírito Santo, Juliana Soares e Maria Inês Coelho pelas valiosas sugestões ao texto.

²⁸Não utilizei transcrições desta obra por tratar-se de um texto ficcional, apesar de baseado em fatos reais.